

Apresentação

Mônica Moura

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

MOURA, M. Apresentação. In: *Design coletivo: grupos, movimentos e escolas do moderno ao contemporâneo* [online]. São Paulo: Editora UNESP, 2022, pp. 7-13. ISBN: 978-65-5714-296-7. <https://doi.org/10.7476/9786557142967.0001>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

APRESENTAÇÃO

Design coletivo é um livro que tem como proposta resgatar a memória e a historiografia do design para levar ao público em geral e particularmente a estudantes, novos profissionais do design, docentes e pesquisadores as informações sobre ações coletivas, interdisciplinares e transdisciplinares que já existiam muito antes de alguns desses termos se tornarem palavras de uso corrente.

Muitos grupos, movimentos e até escolas de design são esquecidos ou desconhecidos do grande público. Em uma época em que cada vez mais o design se encontra presente em nossas vidas e em nosso cotidiano por meio de ambientes, objetos, vestuário, acessórios, equipamentos, informação e comunicação gráfica e digital, produtos editoriais, papelaria, identidade visual, serviços, ações sociais e políticas, ativismo e uma série de outros aspectos, é muito importante conhecer a história, as origens, as fontes para ter mais consciência da abrangência e importância desse campo de produção cultural e de conhecimentos. Afinal, o design registra a história da sociedade e da humanidade (como veremos nas ações coletivas, inclusive interdisciplinares) há muito tempo – desde as origens dessa área

profissional e desse campo de conhecimento, posso dizer. Os textos deste livro também indicam que as relações entre design, arte, artesanato e arquitetura promovem ricos diálogos de integração.

Conhecer a história e a memória também permite nos desvincularmos de certos mitos construídos ao longo do tempo, que a documentação e divulgação ajudam a registrar. Porém, quantas informações deixaram de ser registradas de forma consciente ou por falta de acesso às fontes e ficaram esquecidas? É o caso, por exemplo, da atuação das mulheres no design.

Este livro resulta do desenvolvimento de uma série de pesquisas que envolvem desde o doutoramento da autora até a realização de estudos pós-doutorais e, não menos importante, a atuação em sala de aula nos cursos de design em seus vários níveis – da graduação à pós-graduação e às orientações na área do design.

A atuação com as parcerias e nos grupos de pesquisa me estimularam a atualizar e publicar este texto para difundir e popularizar uma história que não fica restrita a alguns países e que se constituiu no Brasil muito antes das primeiras faculdades de design serem regulamentadas. A história da educação em design, a partir das escolas formais, é uma área que ainda carece de mais pesquisas que resgatem a memória e a identidade, reafirmando a nossa cultura independente de uma episteme eurocêntrica.

Conhecer o passado histórico para compreender o presente e esboçar o futuro é questão essencial para os âmbitos sociopolíticos e culturais e, portanto, fundamental para a educação e o ensino em design, que deve atuar na formação de sujeitos com autonomia e agentes de mudança em prol de uma sociedade mais justa, ética, equilibrada na constituição do bem viver.

O panorama histórico apresentado neste texto sobre os movimentos de arte, design e arquitetura – as guildas,

comunidades e os coletivos; as oficinas, corporações e associações que se organizavam relacionando a troca de conhecimentos e práticas ao exercício da aprendizagem –demonstra que as escolas de design existiram muito antes do estabelecimento das instituições formais e informais de ensino que foram canonizadas e mitificadas pela cultura eurocêntrica e, também, pela cultura norte-americana.

No Brasil, a instituição de escolas técnicas masculinas e femininas e de liceus de artes e ofícios (geralmente esquecidos nas histórias registradas do design brasileiro) comprovam a necessidade de ampliação do olhar e do desenvolvimento de mais investigações a esse respeito.

As escolas germânicas estabeleceram-se com grande força no Brasil a partir dos anos 1950, devido à política desenvolvimentista que propiciou a vinda ao país de várias indústrias, empresas e profissionais das áreas de engenharia e arquitetura. Essas influências provocaram ecos marcantes no ensino do design brasileiro, que aceitou a sobreposição cultural na ilusão de um desenvolvimento econômico e produtivo que não ocorreu conforme o desejado e planejado.

A falta do pensamento e de análises críticas levou à aceitação da mitificação e à canonização das escolas Bauhaus e HfG-Ulm. Ao estabelecer um panorama dessas escolas, percebemos entre elas várias semelhanças, desde as trajetórias repletas de conflitos, o curto tempo de vida (catorze anos da Bauhaus e quinze anos da HfG-Ulm), a dependência das verbas estatais e os problemas políticos, o conflito entre os papéis de escola e empresa, a rigidez funcionalista e metodológica até o descompasso entre os programas de formação e ensino e os resultados obtidos. Apesar disso, viraram modelos para várias escolas brasileiras que muitas vezes tinham direcionamento para a indústria em estados e cidades brasileiras sem perfil industrial.

Olhar a história do design e seu ensino de modo atento nos leva a desvendar as injustiças com as escolas esquecidas pelos registros, bem como permite que se jogue luz sobre o escuro do passado e do presente, possibilitando que novas gerações de professores e estudantes possam conhecer e ampliar seus horizontes para outras possibilidades de análises e perceber que não existe uma única via para a constituição de um campo de conhecimentos como o design. Além disso, temos a oportunidade de acertar as contas com os vários preconceitos que foram instituídos pela visão racionalista na área do design, indicando, a partir de estudos e registros da história do ensino, como a constituição do design se deu em proximidade e em relações dialógicas com o artesanato, as artes, a arquitetura, a moda e a engenharia, renunciando as abordagens interdisciplinares, que são de grande importância para a formação e a atuação contemporânea do design.

Portanto, precisamos de mais pesquisas que estabeleçam leituras contemporâneas do design, apontando as aproximações dialógicas entre diferentes áreas e campos do conhecimento e propiciando a criação de mecanismos para outras e novas pesquisas, com a consciência de que aspectos apontados em uma pesquisa não se encerram em si mesmos, mas germinam novas perguntas e novos olhares para outras investigações das questões educacionais, políticas e sociais do design.

O design é uma área de concepção, criação, desenvolvimento e produção de produtos, sistemas e informações que estabelecem a tradução do tempo em signos que constituem linguagem. A partir da modernidade, o design passa a ser entendido como uma área importante da produção, que estimula o sistema capitalista e interage com ele, mas também com as ações sociais e políticas, a individualidade, a personalização, a valorização do sujeito e dos modos de vida. Na contemporaneidade, o design passa a

compor campos de conhecimento, pois se relaciona com uma série infindável de informações que são interpretadas e transformadas não apenas em produtos materiais e imateriais, mas também em reflexos do cotidiano e da cultura. O design é uma ação contemporânea de tradução do tempo, dos modos de vida humana e do sujeito a partir dos objetos, sistemas, serviços, métodos e processos concebidos, desenvolvidos e produzidos em diversos tipos de suportes, materiais, bens, objetos, serviços e ações que se estendem em um espectro que compreende, além das questões utilitárias, funcionais e objetivas, as questões simbólicas, estéticas e subjetivas.

Os caminhos para a consolidação do ensino e da pesquisa em design no Brasil entrecruzam-se com as questões profissionais relacionadas ao mercado de trabalho, tanto as produtivas quanto as relacionadas ao consumo. Para traçar esse percurso vamos apresentar a introdução do ensino de design no Brasil inicialmente em quatro cidades: São Paulo, Recife, Belo Horizonte e Rio de Janeiro. Esses locais impulsionaram as ações para o estabelecimento do ensino formal de design e de moda no Brasil, e seu pioneirismo serviu como exemplo para o crescimento dessa área em todo o Brasil.

Existem muitas maneiras de escrever ou de registrar as histórias do design. A história das ideias ou das invenções, a história do morar ou do vestir, a história dos objetos, dos projetos, das tecnologias, a história da industrialização; enfim, há muitas histórias na história do design. As que comumente apresentam maior número de publicações são as histórias dos profissionais de design, das cadeiras e de alguns períodos, tais como o design moderno, ou então de alguns países, como a história do design finlandês ou do design italiano.

Sabemos da importância dos registros e das publicações históricas, pois elas nos ajudam a entender o presente

e a delinear caminhos futuros. A história colabora de modo significativo para preservação da memória de uma profissão, de seus profissionais, dos objetos de uso e dos sistemas de informação e comunicação. Os registros e as publicações históricas também auxiliam na criação no vai e vem do universo da estética, isto é, da concepção do que é belo nos diferentes tempos da história – quantos movimentos, formas, cores, texturas, comunicações gráficas são retomados e aplicados a novos usos.

Aqui vamos apresentar uma visão um pouco inusual e diferente da história de uma profissão, focalizando a formação das guildas, grupos, movimentos e escolas que deram origem ao que hoje entendemos como design e, também, que demonstraram questões que ganham corpo e eco na contemporaneidade: os trabalhos coletivos, colaborativos, interdisciplinares, e a fusão entre diferentes áreas do conhecimento. Não podemos deixar esses pontos esquecidos ou só dar luz aos registros mais frequentes da história de uma área tão importante em questões culturais, sociopolíticas e econômicas como é o design. Mas é preciso ter o cuidado de não eleger determinados “mitos históricos” como se eles tivessem sido os únicos em uma época e aplicados na atualidade sem análise, reflexão e contextualização. Existe outra história, pouco explorada, que é a formação de grupos hoje denominados coletivos, constituídos sob prismas interdisciplinares ou transdisciplinares, que auxiliaram no desenvolvimento e na consolidação da área.

Portanto, acreditamos que, para ter uma visão capaz de oferecer uma análise mais ampla e bem estruturada sobre o design e sua relação com as novas tecnologias, seus processos e suas outras características no campo de ação, devemos considerar as questões que perpassam o aprendizado, a troca, a reflexão e o desenvolvimento do conhecimento para a consolidação da área.

Por isso destacaremos os grupos, as comunidades, os institutos e as escolas que ajudaram a consolidar, desenvolver e ampliar as questões do design. Não se trata de apenas valorizar o ensino formal, mas estabelecer a importância da troca de conhecimentos e de processos de criativos e produtivos, as ideologias e os movimentos relacionados ao design. Esses temas são pouco abordados e, frequentemente, as únicas referências citadas são as das principais escolas formais. Desse modo, os grupos que antecederam as escolas e aqueles que ocorreram paralelamente não recebem a devida valorização.

Esse fato nos leva a apresentar as principais ações desenvolvidas nesse aspecto e a acreditar que esse é um dos percursos de desenvolvimento e introdução do campo: o percurso possibilitado por meio de grupos, movimentos e escolas que consolidaram o design à medida que se estabeleceram, se organizaram e se desenvolveram o ensino e a formação nessa área.

Os grupos, geralmente formados por artistas, artesãos, designers, arquitetos ou engenheiros, organizaram-se em torno das ideias e das críticas ora semelhantes, ora controversas e a partir disso foram disseminados o aprendizado e o conhecimento da área. Esses grupos formaram corporações, guildas, correntes e escolas que foram fundamentais para o desenvolvimento e consolidação do design.